

ANTROPOLOGIA

Sertanista contata índios isolados em RO

Expedição descobre aldeia de tribo ainda desconhecida em matas de fazenda particular na região de Corumbiara; há pelo menos dez anos, a Funai queria fazer a aproximação

PABLO PEREIRA

VILHENA — No alto de um barranco, a menos de 100 metros, surgiram dois índios. Pareciam acuados. Ele, com cerca de 1,60 metro de altura. Ela, mais baixa. Pele escura, pés descalços, carregando arcos e flechas de guerra. Cobertos de adornos. O barulho na mata denuncia que o grupo é maior. Está em fuga ou fechando o cerco. São minutos de tensão na picada de acesso à aldeia. A presença de índios isolados de tribos ainda desconhecidas em matas dentro de propriedades particulares no sul de Rondônia começava a deixar de ser lenda no último domingo.

Era o momento mais esperado de uma expedição de quatro dias no que restou da mata que

resiste em fazendas na região do município de Corumbiara. Havia pelo menos dez anos que o sertanista Marcelo Santos, chefe do Departamento de Índios Isolados de Rondônia da Fundação Nacional do Índio (Funai), aguardava pelo contato. Os primeiros vestígios foram encontrados em 1985. Mas não houve aproximação.

Depois de ouvir relatos de índios de outras tribos da região, de madeireiros e de peões de fazendas sobre aparições do grupo na área e de observar imagens do satélite Landsat, feitas em 1993,

Marcelo não tinha mais dúvidas. Os índios estavam mesmo naquela região.

Eles conversavam em voz alta. Uma língua desconhecida. O barulho na mata cessou. Acompanhado pelo funcionário Altair Algaier, pelo cineasta Vincent Carelli e pela reportagem do Estado, o sertanista procurava uma forma de comunicação: "Amigo, amigo." Uma tentativa de demonstrar que a visita era pacífica. Mas o sinal de que a aproximação seria permitida só apareceu quando mochilas, equipamento fotográfico, facões e espingardas de caça foram colocados no chão. A intenção da paz.

Os primeiros passos do casal foram vagarosos. Desceram até a ponte de madeira sobre o riacho que separa a aldeia da mata. Antes de

atravessar, a mulher iniciou uma cerimônia. Parecia pegar no ar os maus espíritos e assoprar para longe, para dentro da mata. O grupo visitante permaneceu quieto até que se aproximassem. A primeira reação dos dois foi tocar braços e mãos dos brancos. "Querem sentir se estamos nervosos?", disse Marcelo. A mulher tremia. O homem balbuciava um som ininteligível. Marcelo tocou-lhes os adornos, repetiu "amigo, amigo" e sorriu. A forma de entendimento mais eficaz entre os dois grupos foi, afinal, a mais simples: o riso.

HAVIA RELATOS DA PRESENÇA DO GRUPO NA ÁREA



Marcos Mendes/AE

O índio de origem desconhecida se aproxima desconfiado do grupo: primeiro contato com a Funai

Representante da Funai pede interdição da área

Sertanista diz que ação deve ser rápida para evitar que índios possam sofrer violência

VILHENA — O sertanista Marcelo Santos defendeu ontem a interdição da área de mata na qual foram encontrados índios isolados em Corumbiara. A aldeia está localizada em uma reserva florestal privada. Segundo Marcelo, a medida deve ser tomada com urgência para evitar que o grupo sofra violência ou seja expulso da área.

"Os primeiros vestígios localizados em 1985 foram destruídos e os índios fugiram", disse Marcelo. A área ficou interdita até 1987,

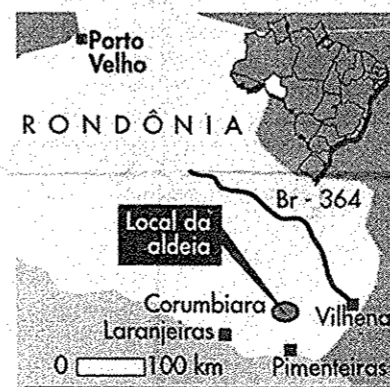
quando o então presidente da Funai, Romero Jucá, decidiu suspender a interdição e devolveu a área aos fazendeiros. Desde então, a Funai só trabalhou na área em missões não-oficiais.

Em 88 e 90, Marcelo tentou entrar nas fazendas, mas foi impedido. Em 94, retomou o trabalho. Há dois meses, com informações de moradores da região, recorreu ao Ministério Público Federal em Porto Velho. Na última semana de agosto, o juiz federal José Carlos do Vale Madeira autorizou a entrada da equipe na

área para pesquisa.

O documento determina que os fazendeiros Antenor Duarte, Joaquim Romero Fontes, Manuel Gouveia, Denis Gouveia, Hércules Gouveia e Alceu Elias Feldmann abram as porteiras para a pesquisa. A equipe, porém, esbarrou em novo obstáculo.

No dia 31, quinta-feira, depois de tentar, sem sucesso, entregar o mandado judicial em Vilhena, nos escritórios dos fazendeiros, a oficial de Justiça Maria José Naimaier Duarte solicitou escolta de agentes da Polícia Fe-



deral e foi até a fazenda São Judas, de Antenor Duarte. Não encontrou o dono nem o administrador, José de Paula.

A notificação foi entregue à mulher do administrador, Maria. A en-

trada da Funai foi novamente adiada. Na sexta-feira, segundo a oficial de Justiça, o fazendeiro entrou em contato com o agente Oliveira, que responde interinamente pela Delegacia da Polícia Federal em Vilhena, pedindo que a Funai aguardasse a chegada dele à fazenda no domingo. Com o mandado judicial nas mãos, mas sem conseguir cumpri-lo, Marcelo desistiu de entrar na área pela Fazenda São Judas. O sertanista então telefonou ao procurador-geral da República, Osni Belice, em Porto Velho. "Tememos que os índios estejam sendo ameaçados e vamos entrar por outra fazenda", disse Marcelo ao procurador. No sábado, às 6 horas, a equipe entrou na mata.

**MARCELO:
'PROCURA
OCORRE
DESDE 1985'**